A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

ANO II—NUMERO 57 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

Pobre entrudo, velho simbolo!

Estás tão triste, tão sensaborão, tão velho, que nem trazendo contigo a mais clara e desopilante gargalhada — alguem acredita que tu queiras brimcar

O DOMINGO ilustrado

ANO II — N.º 57

LISBOA 14 DE FEVEREIRO DE 1926

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

ECOS

«A revolução das gravuras» ou as gravuras da revolução!

O Domingo ilustrado, resolveu na 6.ª feira passada, depois de verificar que *não havia reportagem grafica alguma* dos acontecimentos de Almada, e de acordo com todos os colaboradores graficos deste jornal, uma *boutade* de espirituosa originalidade (não absoluta visto que repetia o exemplo de «Le Miroir» que publicou num numero de Carnaval uma reportagem completa de Marrocos feita nos Campos-Elizios) e essa *boutade* consistia em recortar conhecidas fografias e pôr-lhes legendas fantasiosas, que produziriam a maior discussão (e reclame) no publico e nos meios jornalisticos e que era uma autentica brincadeira, tanto nos bonecos como nos ecos da prosa, que publicámos. Escolheu para isso alguns numeros antigos da *Ilustração Portugueza*, e enviou á redação de *O Seculo*, proprietario desses *clichés*, antes, é claro, de *O Domingo* sair, um emissario que comunicou o facto com toda a lealdade e disse, ao ilustre chefe da redação daquele jornal «não se tratar de enganar o publico»—e pediu que *O Seculo* sustivesse qualquer comentario que lhe sugerissem, e que «seria injusto.» A explicação viria—como vem, neste numero seguinte, preparado como desfecho para *Domingo Gordo*.

Quere dizer: fômos ao *Seculo*, e dissemos-lhe: Olhe que no numero de amanhã publicamos uma reportagem fantastica, com fotos que são suas, antigas, deste e daquele numero da sua *Ilustração*. Olhe que não ha hipocrisia nenhuma! Não faça maus juizos! Claro que não demos nesse momento o verdadeiro motivo dessa inserção—o que se compreende que seria quebrar todo o chiste deste numero.

Mas, senhores, se nós tivessemos a intenção de *comer* alguem, iamos a quem nos podia desmascarar, antes mesmo de os utilisarmos, mostrar-lhe os elementos de que nos tinhamos servido?!

E nós a termos de botar epistolas!

E no *Seculo* apreensivos pela bolchevisação dos nossos processos!

E o *Diario de Lisboa* amigo a lamentar-nos!

E naturalmente o *Correio da Manhã* a acharnos «sinal dos tempos!» E o *Mundo*, se saisse, a dizer: Se eles são «talassas»!

Velhinhos!

Fômos nós que fômos ao «Seculo», *dizer-lhe antes de sair o nosso jornal!* E lá falámos com Rocha Junior, jornalista talentoso, serio e profissional sem mácula. Ele nos confirmou a nossa conversa agora mesmo, na cama e doente.

Ainda um ponto: Por partida, impingimos a Armando Ferreira, a autoria dos «*clichés*» fantasticos!

O desgraçado deu um pulo quando viu! Não sabemos como o sr. Benoliel, não lhe fez logo um auto de fé!

Por outro lado, o sr. Benoliel, o auctor dos *clichés* foi ao *Seculo* e a outros jornais, reclamar contra o nosso *insolito* procedimento, ignorando, cremos, em absoluto, as nossas preconcebidas intenções. Fala com o administrador de *O Seculo*, com quem nos não avistámos—e este jornal sob a informação daquele fotografo, descarrega sobre o *Domingo* um chuveiro de aprehensivas acusações! Mas nós fazemos-lhe justiça!

Nem por ser um pouco ingenua a conducta que seguiu o sr. Benoliel deixa de ser rasoavel a sua indignação. Nós é que ignoravamos que os «clichés» lhe pertenciam, e pelos vistos, não eram do Seculo, exclusivamente. Nesse caso, a nossa «démarche» inicial seria ao sr. Benoliel e não ao »Seculo» só.

Em todo o caso estamos-lhe muito gratos—porque o reclame que nos fez excedeu toda a espectativa. *O Domingo* apesar da tiragem augmentada esgotou – e aquela local generosa na 1.ª pagina de *O Seculo*, vale ouro!

—Muito obrigado!

Má língua

SALADA... PORTUGUEZA

NADA

Miniaturas de Saxe, e porcellanas caras,
e léques de Watteau, e caixas de rapé,
enchiam-lhe o boudoir *de maravilhas raras*
e fizeram-me entrar, de frack, *pé ante pé.*

Lá vi moveis de Boule *e vi bules de chá;*
miniaturas de Reis, retratos de Princezas,
gravuras de Doré, commendas e crachats,
mezas de pé de gallo a que chamei marquezas...

Estendeu-me a mãosinha enluvada e gentil,
que trémulo apertei numa enluvada mão.
Despindo o corselet *ouvi-lhe a voz subtil*
murmurar-me ao ouvido: Eminencia! O faisão?

E quando abandonei a um canto do sofá
a luva que chez moi *lavara com benzina,*
ella já trauteava um meigo lá ra lá,
com e sa estima *sã e peras, que é divina.*

Olhei-a de mais perto, ainda a suspirar.
E olhando-a de tão perto eu vi que ella só tinha
no gachis *perfumado e molle do* boudoir
mezas de pé de gallo e patas de gallinha!

D'ANTES

ORA ISTOS

Olhando em torno, com sentimento,
olhando em volta, com devoção,
quanta beleza, no Parlamento,
quanta alegria, pela Nação!

Poly-bellezas, poly-venturas,
poly-miragens, poly-anhelos,
poly-nascentes de aguas tão puras,
poly-nephrites, poly-chinelos...

Quantos senhores, sãos e palreiros,
quantos talentos immarcessiveis.
E que abundancia de cavalheiros
que tem mãosinhas irresistiveis!

EU, GENIO

ENTERRO AZUL

Ama! Diz... Por que motivo
a grã ternura de Iseu
ja teve fogo tão vivo
e foi um ar que lhe deu?

Ama! Diz... Porque vae mal
neste bom paiz lilás,
a quem demandando o Graal
sómente se satisfez?

Ama! Diz... Que leis humanas,
que joios vencendo trigos,
alcandóram nas ventanas
animaes nossos amigos?

VI EIRA

CANTIGAS

Ai! Ui! Quem me dera as tranças
que eu tinha na outra edade
em que andava de esperanças
mais rica a minha vontade!

Ai Quem dera neste instante
os meus bibes de riscado,
minhas meiguices de infante
tão querido e amimado!

Ui! não chego com a mão
ás illusões que adivinho!
'stão altas! Olha o balão
vae na ponta do pausinho!

BÓTA

NOTAS DE UMA «MÃE»

Para ter quarenta filhos
soltei quatrocentos ais
e armei quatro mil sarilhos
com quatro milhões de paes.

A minha prôle é tamanho,
é maior que a de ninguem.
Quem não tem d'onde provenha
diz que é filho d'esta «Mãe».

DEMAGOGIA CUTELLO

PARELHA

Se aquillo que agente sente
ás vezes fosse contado,
ia prezo muito agente
da Segurança do Estado...

GIL LETTE

Pela copia TAÇO

questão prévia

EU nunca me mascarei. (Entenda-se esta afirmação tanto no pretérito do verbo «mascarar», como no futuro do não menos verbo «mascarar»). Nunca me vesti nem me vestiram de *pierrot* ou de policia, á Luís XV ou á Luís de Camões. Fui, como toda a gente, uma criança loura, mas felizmente os meus pais tiveram o bom-senso de não abusar da minha infancia para me passearem na Avenida, com incertos passos, entalado nuns calções de campino, manejando desastradamente um enorme pampilho e pondo em risco a integridade do nariz da familia. Nunca fui, em suma, aquele «menino tão engraçadinho», que, envergando um fato de pagem do seculo XVI e calçando botas contemporaneas, é o orgulho da familia que o passeia e enlevo das senhoras estereis que lhe põem a vista em cima.

Por falta, talvez, desta embalagem inicial, tenho atravessado os trinta e tantos Entrudos da minha vida sem pôr, sequer, um nariz postiço. Fui moço e gosador dos prazeres da mocidade, mas como me aconteceu não saber, ao menos, tocar bandolim—prenda muito espalhada entre os moços da minha idade—não tive nunca ensejo de me vestir de bébé ou de palhaço para ir, com a minha *troupe*, animar os salsifrés carnavalescos das nossas relações, fazendo as meninas dançar aquelas valsas a três tempos, que então se importavam da Alemanha.

A leitora ladina, que acaso relanceia esta cronica neste bulhento domingo de Carnaval, deve já ter tirado as suas conclusões: «Bem sei, foste toda a tua vida um sensaborão!»

Fui e disso descaradamente me gabo.

Mascarar-se uma pessoa adulta impõe obrigações, a que eu nunca me sujeitaria, a não ser por condenação penal. Toda a gente que se mascára visa um de dois fins ou ambos, ao mesmo tempo: mostrar-se e intrigar.

Na primeira hipotese exige-se rigor no fato e acessorios e um certo ar da personagem ou da epoca escolhida. Como não faz sentido uma Maria Antonieta com os cabêlos á *garçonne*, tambem não é admissivel um moço de forcado com um colête de lã dos Pirineus. Depois é precisa a graça, o estilo da epoca ou da figura escolhida. A fada Melusina não pode deslocar-se pelas ruas com o andar sacudido que a moda atual, dos vestidos colados, impõe. Um sujeito fardado de *clown* tem de afectar a ligeireza desenvolta dum acrobata e não deve apiar-se dum electrico cautelosamente e só nas paragens, como dama gotosa, mas com um airoso salto, que pode ser absolutamente mortal.

Tratando-se de intrigar as pessoas conhecidas, já se dispensa o rigor da indumentaria e diminuem as exigencias da encarnação, mas outras obrigações se impõem, mais graves certamente: ter espirito e saber da vida alheia.

E' claro que eu encaro estas dificuldades sob um ponto de vista exclusivamente pessoal, fazendo a justiça de acreditar que todas as pessoas que põem uma mascarilha na face estão convencidas de que são irresistivelmente engraçadas e de que lhes não faltam conhecimentos das intimidades de cada um.

Imagine-se em que apertos eu me não veria se amanhã fosse condenado a envergar um dominó e a ir intrigar alguem, eu que mal conheço os meus visinhos do predio em que móro e que sou tão pouco curioso da vida alheia que senão fôra terem-me obrigado a estudar historia patria ainda hoje estaria na candida ignorancia da partida que a Leonor Teles fez ao marido, para casar com o D. Fernando.

Mas não desanimem vosselencias, leitores e leitoras do «Domingo», com estas minhas considerações. Eu sou, realmente, um sensaborão de nascença, a quem o Carnaval não interessa e as mascaras não intrigam. E se alguma coisa no Carnaval me pode intrigar é só a razão por que vosselencias, minhas senhoras, ocultam com mascaras os rostos, que Deus fez formosos para regalo dos nossos olhos.

E cá estou eu, sem querer, mascarado á Luís XV, a debicar galanteios.

COMPRESSÃO DE «DESPEZAS»

—Três tostões?!
Não me poderia fazer um abatimento, visto que eu estou pé purgante... é foi apenas rebate refalso...

DELICADEZA...

Tenha V. Ex.ª o incomodo de se sentar...

HUMORISMO

De Todo-o-Mundo e de Ninguem

AMOR

Amor! Orchidea côr de rosa que se usa na lapela do coração!

Alfredo Pimenta

Sob as bananeiras de S. Tomé, debaixo dos coqueiros, entre a pretalhada em batuque! Oh! Delicia das delicias!

Esther Leão

A marqueza encobriu a boquita «rose» com as varetas onde «Watteau» tinha esculpido um minuete com figurinhas de renda e segredou:—Duque! Dizem que o amor faz bem ao ventre!

Julio Dantas

O Amor? Ai que rica coisa! Ai que rica coisa! Ai que rica coisa!

Beatriz Delgado

Só os mortos conhecem o amor! Só os mortos! Por isso, quem ama, anda sempre a falar com os mortos!

Raul Brandão

Apaixonadamente!

Virginia Vitorino

O Amor!? Se não fosse feio, eu era muito capaz de dizer tudo!

Antonio Botto

O Amor! Como lhe sou grata! Se não fosse ele, ha muito tempo que eu já não era societaria do Nacional!

Maria Pia d'Almeida

Cantigas! O amor só presta quando é comprado, como dizia Max Nordau!

Albino Forjaz de Sampaio

PROGRESSOS...

V. E' um grande artista! Já faz esplendidos retratos de pequenos.

O amor parece-se muito com o dente sizo! Qualquer dos dois tem raizes que só saem ao terceiro sacão.

Mario Duarte

Amor, um triangulo isosceles que dinamisa uma penumbra de «vedetta».

Arthur Portela

Amor em tradução dos Quinteros com interiores cuidados! Oh! sim!

Amelia Rey Colaço

Amar é abrir um conflito. Duas scenas. Epilogo: Um divorcio! E não m'o representam! Já é!

Afonso Gaio

Amar exactamente é fazer qualquer coisa que nunca tivesse sido.

Almada Negreiros

Amar sim, mas em francez!

Maria de Lourdes Cabral

Os dedos são as palavras... O aperto de mão, um contrato de matrimonio, uma mão fechada... um detalhe do meu eu...

Antonio Ferro

Na minha casa, no meu escritorio, na minha pena, no meu guarda-vestidos, sentado no meu «maple» com o meu gato: Sempre amor!

André Brun

ou O maor! ouS O raom! O adina não moar! um bole anco?

Leonardo Coimbra

O amor em paisagem é a duzentos mil reis o metro quadrado.

José Campas

O amor? Não é? Não é?

Antonio Soares

Sobre o amor? O' demonio, não trago agora nenhuma piada feita!

Gualdino Gomes

O amor é uma questão de publicidade!

Virginia Quaresma

Pois sim, amor ou o que quizerem, mas só pago á linha!

Mimon Anahory

Pensava fazer uma opera mas o governo não me deu São Carlos!

Ruy Coelho

Já tenho escrito varios volumes a falar de amor, mas ninguem me acreditou —meus amigos!

Luiz d'Oliveira Guimarães

O amor! Cruzam-se lanças, a moirama avança em chusma! São Tiago! e nos peitos de aço dos portugues, espadas acutilando, besteiros e infanções, palpita a palavra amor com tal intensidade que amolga os guantes, parte os arnezes e cria pilulas nos capacetes!

Henrique Lopes de Mendonça

Amorsinho? delicadinho, mesmo fraquinho, como é bonzinho!

Afonso Lopes Vieira

Como hostia por entre os Pinheiros, o amor, calix de ternura, avança entre o palio dos corações!

Antonio Correia d'Oliveira

Qual amor!? Carne! Umas nalgas, um lombo roleiro, dois brações de boa carnadura e o resto, *nicles!*

Aquilino Ribeiro

Amor, pois sim, só cantado em dueto pelo Cañero e pela Goya e com o «Diario» á estribeira!

Rogerio Garcia Y Peres

VARIOS

Ricardo Covões — Cavalinhos, Lisboa—Vá raio parta.

Erico Braga

Se as minhas paredes falassem, cairia a lenda de muitas elegancias.

Oliveira (do guarda roupa Cruz)

A minha enterecolíte não incomoda ninguem. Outro tanto não pode dizer uma grande actriz!

Nascimento Fernandes

Je me suis dans les teintes pour vous.

Afonso Costa

Estou tramado! Acabou-se a Parceria e com ela a Pastelaria: não mais «Bolo-Rei», não mais «Arroz-doce», não mais «Pão-de-ló». E' de crear amargos de bôca...

Estevão Amarante

Depois do Teofilo só eu tenho a coragem de chamar os nomes ás coisas e ás pessoas.

Pinheiro Maluco.

Toda a gente me chama o maior portuguez, o Heroi da Raça. A verdade é que espero como qualquer mortal, meia hora pelo electrico da Estrela.

Gago Coutinho

O Domingo ilustrado, está-se vendendo bem... Vamos nós a ver se fazemos uma coisa parecida.

Um rapaz de bôas ideias

Não quiz entrar na festa de Augusto Rosa, e afinal fui parvo. Não só porque o Ribeiro Lopes me substituiu logo, mas porque perdi estupidamente a amizade de *O Domingo*. Cebolorio!

Samwel Diniz

Confesso que «cai»—e ainda me custa a engulir!

Benoliel

Nós «caimos»—mas confessamos..

Muito bôa gente

AVISO A PASSAGEIROS COM CREANÇAS

Esta creança com 3 anos já pagará bilhete?

Curiosidades

PORQUE RAZÃO HA PULGAS?

Um celebre professor de Stokolmo, publicou recentemente um largo estudo em latim intitulado «Dei pulgorum sum», muito interessante sob o aspecto inseticida e que tem levantado grande celeuma nas universidades.

Segundo o sabio professor, as pulgas são tão necessarias á vida como o ar e a luz. Argumenta o professor que a pulga alem de ser um bicho preto que só dá saltos, morre com dificuldade com os pós de «Keating» e a unica morte absoluta para esta especie de picador é o esmagamento cerebral por meio de unhas em compressão. Mas o mais curioso é que o ilustre homem de sciencia, certifica que a razão da existencia das pulgas é o facto de muitas pessoas terem mais do que o tempo suficiente para as cossarem.

AS PERAS NÃO SÃO ORNAMENTOS CAPILARES

A ideia de que as peras servem simplesmente para estarem penduradas nos queixos dos homens é erradissima.

Segundo o estudo pneumenoricado do medico inglez Cately da Universidade de «Zefir» as peras tambem servem para comer depois do jantar, bastando para isso tirar-lhe a casca.

QUANTO PEZA A TERRA?

Galileu, sustentou com rára copia de argumentos a celebre teoria que ficou imortal:

—Se a terra não existisse não pesava nada! Pois um grupo de astrologos do Observatorio de Viena, está construindo uma balança decimal gigante afim de pezar o globo terraquo. Os trabalhos para tão importante acontecimento vão adiantadissimos mas um grave problema preocupa atualmente os ilustres homens de sciencia que se propõem levar a cabo tão extraordinaria empreza.

E' que não sabem, quando pezarem a terra, onde é que terão de pôr a balança.

NECESSIDADES...

—Fiquem sabendo que um ratinho me contou que os meninos se portaram mal—por isso não têm sobremeza...
A IRMÃ (ao ouvido do irmão). E' preciso arranjar um gato!

O frete através dos tempos

O primeiro «frete» conhecido, foi o de Adão, quando por culpa de Eva teve de acarretar com ésta o resto da existencia.

Nos tempos miocenos era já o «frete» moeda corrente e ao iniciar-se a idade da pedra lascada já o «frete» fazia parte dos muitos atributos da raça humana.

O homem das cavernas, quando caçava um mamuth ou um urso, já sabia que, a consequencia da façanha, era trazer para casa o animal morto ás costas, ação a que muitos dão o nome de acarretar mas que, a pureza das etimologias manda dizer «frete».

Sob o imperador Juliano (546 a A. de C.) os «fretes» eram apenas feitos pelos escravos, especie de gente especialmente creada e educada para esse fim.

Quando da queda do imperio romano, o uso do escravo para incumbencias de «frete», generalisou-se por toda a Europa, mas, como os chamados escravos eram pretos, como na civilisação europeia que então nascia, não era facil encontrar estupidos d'essa côr, crearam as ordenações do tempo uma nova raça denominada «vilões» que passaram a usufruir o direito exclusivo de fazer «fretes».

Com as conquistas catolicas, «os fretes» passaram a ser comuns de tal maneira que, só o Papa os não fazia. Assim temos que a Conquista de toda a Peninsula Iberica, foi um d'estes «fretes» que só visto.

E' necessario contudo observar que, n'estes «fretes» denominados pela historia—«fretes de heroismo», os que acarretavam mais eram os que menos recebiam de premio.

Na Renascença, o «frete» tomou varias aspectos, mas sempre fundamentalmente com os atributos primitivos.

Em nossos dias, o «frete» generalisou-se tanto que, pode dizer-se sem erro, á parte uma pequena minoria, todos os homens arrotam com um, variando o peso, consoante os povos.

Com a civilisação creou-se a «familia», padrão de «frete» muito apreciavel e que é talvez a mais forte organisação da especie que vimos tratando. Hoje em dia, os chamados «moços de fretes» são um arremedo idiota dos antigos moços, fidalgos, porquanto estes faziam muito mais força para não fazer nada.

Desde que se inventou a politica o, «frete» tomou um caracter colectivo e assim temos que os povos, teem de sustentar ideias e governos ás costas. Nesta variante o «frete» toma o nome de «patriotismo» mas não difere coisa alguma da significação mais lata.

Ultimamente a Europa anda suportando um «frete», até ha pouca inedito: O «Frete da Paz» que, por falta de consistencia ameaça cair por exgotamento absolutamente dos povos.

VEJA NO PROXIMO NUMERO

A bomba do Francfort-Hotel

NOVELA DE AVENTURAS

PELO DECTETIVE 523

DE NOITE TODOS OS GATOS SÃO PARDOS?

Como se sabe, os fisicos da ideia-media, afirmavam que de noite os gatos se tornavam de côr parda.

Ultimamente, essa afirmação que já durava seculos, foi desfeita na Academia Franceza pelo conhecido biologista «Studebaker» que por brio, poz em acção o seguinte e complicado estratagema de sua invenção:

Durante o dia, fechou n'uma casa um gato de malhas pretas e brancas. Ahi por volta das onze horas e quarenta e cinco da noite, entrou em casa, acendeu uma vela e constatou que o gato permanecia com malhas brancas e pretas.

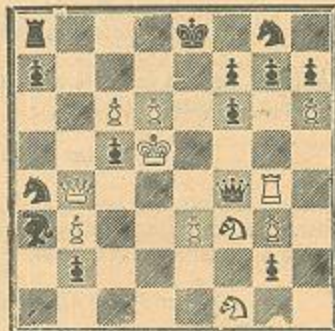
OS NOSSOS GRANDES «COLABORADORES»

Julio Dantas, Aquilino Ribeiro, Alberto Sousa Almada, Stuart, Morais—nomes admirados e respetiados—foram obrigados, sem saberem, a colaborar neste numero. Por merecerem a admiração não só nossa, mas de todos, os escolhemos para a inofensiva «charge».

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 56 De Carnaval

Por J. Paluzie

Pretas (14)

(Brancas (11)

Mate em dois lances.

As pretas podem rocar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 54

1 T de 1 R—1 C D

E. B. Cook autor deste problema foi um dos percursores da escola americana. Morreu em 1915 com 85 anos deixando mais de 800 problemas.

Resolveram os srs. Vicente Mendonça, Grupo Albicastrense, Pereira de Figueiredo, Marques de Barros, Carlos Orcar da Silva, Antonio Nogueira Marques, Seabro da Silveira, Zagalo Fernandes, e Nunes Cardoso.

ESPERTEZA

—Limpaste os vidros da janela?
—Sim minha senhora, mas só por dentro que é donde se vê...

O DOMINGO ilustrado

TEATROS

Tremidinho

Faz uma critica conscienciosa e imparcial ás peças em scena actualmente

(Desenhos ineditos de C. BOTELHO)

NACIONAL

O senhor Augusto Gomes explora o Teatro Nacional. Se eu não fosse amigo do sr. Santos Tavares e do sr. Augusto Gomes diria que aquilo era melhor estar fechado, mas como sou, entendo que as coisas vão bem e aconselho mesmo a pôr todas as noites a «Severa»... fazendo o sr. Augusto Gomes o «Mari-Alves»...

Saltimbanco (Berta de Bivar)

POLITEAMA

O Sr. Luiz Pereira, meteu na companhia uma actriz sem geito, minha protegida. D'essa maneira: Amelia Rey Colaço, uma vibração extranha de dinamismo, terciopelo de animidade, concentra no exibicionismo das suas creações a limpidez perfeita d'um extase estatico que, embora com Renaltek estejamos, em que a arte dramatica por ser absolutamente toda alma, pode ter por vezes uma directriz estatica que muito prevalece na exteriorisação nuancial dos grandes silencios, está fóra da eliptica oposta ao equilibrio e antes pelo contrario, emerge d'um fatalismo que, como diz Salet Bareti, nada tem que ver com a infalibilidade organica das grandes consessões ultra-nervosas.

TRINDADE

O sr. José Loureiro, homem suculentamente rico podia lembrar-se que eu, não tenho sobretudo, e então, a Companhia Velasco seria uma companhia de primeira ordem. Assim: A companhia Velasco, vem fazer mal ás companhias portuguezas! Afinal aquilo é tudo menos teatro! Não ha a menor vibração de arte! Nada!

A companhia Velasco não interessa! Como scenario, qualquer companhia do Teatro Borralho apresenta melhor! As coristas não sabem fazer nada! Não são elegantes, não dançam, vestem mal! Qualquer corista portugueza, ao pé d'aquelas é uma «estrela!» Nos espectaculos da companhia Velasco ha uma desarmonia que faz mal á pele! Senhor José Loureiro! Se quere ver como se montam peças, vá a qualquer dos nossos teatros e verá nas companhias portuguezas o que é arte e bom gosto! A Velasco? Ora adeus, nem para ir para a Africa!

A Moça de Campanilhas (Alvaro de Almeida)

AVENIDA

Pedi ao Amarante para me dar uma entrada de favor, como não deu: «Pão de Ló» é a maior borracheira que se tem escrito! O desempenho é uma miseria e a peça como já está condenada pelo publico, que já não vai em vigarices, não deve dar oito dias! Calcule-se que n'um acto aparecem quatro homens em ceroulas!

A Parceria que tem sido o flagelo do Teatro Portuguez, e que conta as produções pelas pateadas, ha muito que devia já não ter quem lhe aceitasse as peças!

Não te melindres Beatriz! (Leitão)

SÃO LUIZ

O Macedo e Brito não quiz aceitar uma tradução que eu fiz, pois então ahi vae: Aquela vergonha que se está fazendo no São Luiz atinge um grau nunca visto! A desafinação é enorme, os actores não cantam, as actrizes não teem voz e a orchestra é um pavor! Cremilda d'Oliveira e Almeida Cruz dois principiantes sem merecimento, trabalham com Alvaro de Almeida e Tereza Gomes, dois «canastrões» que andam sempre sem contracto e que vivem de cravar um e outro!

EDEN

Uma corista das minhas relações foi multada em dez por cento por faltar ao ensaio. Ora muito bem: O Eden é um teatro condenado! Sem condições para casa de espectaculos, não tem uma companhia capaz. A peça «Onze mil virgens» é um disparate que só o sr. Gorjão saberia inventar.

A empresa, em vez de dar papeis a algumas coristas que lá tem e que são verdadeiras notabilidades, deita essas simpaticas raparigas para a prateleira e só protege afilhados sem geito, com prejuizo das grandes intuições artisticas.

Não pode ser! Em nome da Arte Teatral, lavramos aqui o nosso protesto!

Sr. Ministro da Instrução, mande fechar o Eden-Teatro, em nome da tradição da arte dramatica!

GIMNASIO

O Gil Ferreira, deu-me umas botas ainda em bom uso, trata-me por ilustre critico, e diz que como eu é que deviam ser todos: Raras vezes se tem visto nos Teatros de Portugal, espectaculos d'arte como os que atualmente se exibem no elegante teatro do Ginasio, habilmente dirigidos pelo grande actor Gil Ferreira.

O ilustre homem de Teatro, tem sabido com inteligencia, marcar um lugar que jamais será esquecido. A sua companhia pode hombrear com vantagem ao lado do melhor que ha no estrangeiro e todos os artistas que a compõem não são Zaconis e Sarahs Benardts por uma pena.

A canção das Rosas (Lina Demoel)

Um bravo ao ilustre artista Gil Ferreira pelo muito que tem feito em prol do teatro portuguez. O seu nome deve figurar dignamente ao lado de Gil Vicente, Garrett, Grandela e Jeronimo Martins & filhos!

APOLO

Alves da Cunha, ofereceu-me um retrato em que me chama «Talentoso critico teatral»: Só um actor da envergadura intelectual de Alves da Cunha nos poderia dar aquela interpretação da «Tosca». Sublime no detalhe, primoroso na observação, o imorredoiro interprete do «Amor de Perdição», é uma autentica gloria universal que, não só honra a terra em que nasceu como ainda aquelas onde tem feito as «Duas Causas» com a companhia completa.

Por isso, o publico todos os dias enche a casa e não se cansa de ir ver o genial creador do «Futuro Frei Luiz de Sousa» e testemunhar-lhe a pena que sente de ter só duas mãos para dar palmas!

MARIA VICTORIA

A empreza consente que eu vá azilar todas as noites para os camarins e já deu uma rabula a uma «pechincha» que lá tenho a fazer de figurante.

Peça cheia de alegria, de bom gosto, e bela musica, «Foot-Ball» em nada se se parece com essa chuchadeira que nos costumam impingir os teatros reles, e que são a vergonha d'um paiz civilisado.

Venham ver a Inez de Castro por um pataco! [Saltimbanco], Alves da Cunha

Lina Demoel, Lina Demoel, Lina Demoel, a extraordinaria «vedetta», Alfredo Ruas, Santos Carvalho, todas as noites ouvem fortes aplausos e de justiça é salientar a nova actriz Ernestina da Costa Pires, uma grande esperança do teatro portuguez, que na pequena rabula «O sapato do defunto» consegue encantar a plateia com a nota alacre d'uma voz harmoniosa e cheia de doçura. Penaé que tenha só aquela pequena rabula a que empresta uma verdadeira novidade não só na maneira de dizer, como na forma como pisa o palco e entra no camarim.

P. S. – Fui a S. Carlos, e entrei pela porta dos leões. Esta-se armando agora o «looping-the-hoop» na tribuna, por causa da nova companhia.

O teatro fica realmente muito mais bonito, armado em circo—Como só conheço de retrato o sr. Covões, e é homem forte, não me alargo em criticas.

Foot-Ball—(Carlos Leal)

O DOMINGO ilustrado

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

A NÓDOA CÔR DE CASTANHA

Novela inédita de «Julio Dantas» com ilustrações de «Alberto de Sousa» e «Alfredo de Morais».

Julio Dantas, o eminente auctor da «Cortina Encarnada» do «Pierrot Côr-de-Rosa», do «Reposteiro Verde», do «Rendez-vous Amarelo», acaba de enviar-nos expontaneamente, a deliciosa novela «A Nódoa Côr de Castanha». O publico, decerto, saboreará, como nós outros, o perfume da «Nódoa», esse perfume subtil que se evola de tudo o que sai da pena permanente de Julio Dantas, o auctor de tantas paginas saborosas, o escriptor preferido das mulheres elegantes e dos temperamentos aristocraticos...

QUANDO os dois se juntaram de novo no gabinete pequeno e perfumado de d'Orsay, onde, sobre as pinturas de Pedro Alexandrino brincavam os serafins doirados de Frondonni—havia no ar aquela poalha luminosa e quente dum fim de Agosto, que punha nas credencias ricas de Boule, magnificos reverberos de oiro fosco.

Ele tinha, a «morgue» hereditaria de que fala «Laroche-foucauld». Apertáva nas mãos palidas umas «gants de Suede» como certas figuras hieraticas dos «Grecos» da decadencia.

Tinha as unhas sob o «rouge» «Dorin» e morbido dos hipercivilisados e a sua elegancia, «tapageuse» e procurada, «recherchée», vago reflexo do «fashionable» de «Hyde-Park», tinha muito de convencional e de «cursi». Mas falava por ela todo um passado glorioso, de primeira estirpe e de primeiro sangue!

Desde os montes agrestes do Alto Salado, sob o gonel de escarlata e o bairrustel da melhor tempera inglesa, cortando, avassalando, rompendo, dominando, vencendo, vinham os seus antepassados formidaveis, talhando, em violencia e em sangue, toda uma sinfonia ininterrupta de glorias imutaveis!

E hoje naquele pequeno salão «cendre-verte», entre as «bergères» «poudrées» do ultimo renascimento português, o meu querido Marques de V., representava, ante a sua amante, a bela, a seductora, a pequenina e galante Condessa S., toda uma famosa estirpe presa ás proprias raizes fecundas de nacionalidade, em face dum outro ramo, não menos celebre, não menos nobre, o da Condessa S, que os acasos da nossa historia, turbulenta, hirsuta, epileptica, formidável de audacia e gloriosa de «panache», sempre haviam colocado frente a frente.

«Francelhos» empóâdos á moda franceza, da primeira metade do segundo quartel do seculo XVIII...

E quando os vi aos dois, na «causeuse» «Mont-golfière» que dir-se-hia traçada por David para uma «Recameri» da segunda Revolução—enlaçados, amorosos, felizes, indecentes, num longo beijo satanico e divino, eu pensei na frase justa e profunda desse grande pensador que foi «Créme d'Herbes-Divines»; «Entre mari et femme ne mettre pas la cuiller».

* * *

—Oh! Marquês...
—Ah! Condessa...

Mas não eram marido e mulher os descendentes directos de herois e vice-reis. Era cumplice e confidente aquele recanto precioso—puro seculo XVIII—daqueles encontros tudo quanto ha de mais seculo XX.

Dava o gabinete sobre as olaias floridas do parque, onde os passaros dormitavam á sombra doce e amiga das ramarias antigas de Boucher e de Wateau.

E, se era certo que por toda a Historia essas duas casas nobres se haviam tão cordealmente detestado—não era menos verdade que sempre, mais ou menos, algum peito suculento e farto das senhoras de Paço d'Algo, tremera, sequioso e louco, apaixonado, esvaido de amôr e perturbado de volupia, aos galanteios eternos dos senhores de Vila Pouca de Mezão.

«Francelhos» empoados e «rastaquéres», «incroyables» de «pince-nez» e punhos de renda, «casquilhos» da primeira metade do ultimo meio quartel do seculo XVIII na velha Lisboa das traquitanas e das mala-postas, «peraltas» das toiradas ruivas de Salvaterra sobre os ginetes nervosos do Vimioso, «pisa-flores» de casaco de estamenha e calções de briche, de peitilhos de bretanha picados de rendas d'Alençon; antes, os elegantes do Imperio, chamarrados de oiro, glabros, finos, rosados, delgados como mulheres, antes, ainda os moços da Côrte, os homens d'armas de balozões de ferro e cabeças chamorras, os grandes do Reino, de gibões da Renascença e dalmaticas de brocado, os conquistadores, emplumados e hercules, os cruzados de saiote branco e sobre-peitoral vermelho e púrpura, gentis-homens, infanções, cavaleiros—todos vieram pagar seu tributo sagrado no altar recondito e misterioso d'alguma dama de Paço d'Algo!

* * *

Cumpria pois o seu fado o meu amigo marquês de V.

E, nessa tarde luminosa em que o sol, escorria, alastrava, envolvia, como uma caricia doiro a alfombra do pequeno aposento, os dois amantes em cujo extranho atavismo renascia essa herança de amor bastardo, estavam perturbados.

Ele não tinha punhos de renda nem «signe de beauté» de «tafetas» á moda de França—vestia um «paletot» pelo mais correto «standart» inglês. Ela não usava anquinhas á Mariveaux nem bastão de Limoges—tinha um «stick» do Pita, e vestia da Gandon, e fumava Muratti's «After Lunch—bout-dorée»

* * *

Mas os beijos eram os mesmos!

Amorosamente, religiosamente, tinham-se junto os dois, para celebrarem, naquele evocativo e perturbador ambiente, as loucuras dos tempos idos.

Era o momento em que o Marquês de V, ao velho estilo antigo, se erguia, e perturbante, delicado, subtil, inclinando o belo dorso na magnifica poltrona, disse no melhor sorriso:

—Lembra-se, condessa... Atravez aquele biombo onde esvoaçam pequenas quimeras de Gainsborough—como nós fômos felizes, como nós fômos amantes!

—Recorda-se Marquês...

—Oh! Condessa... Lembra-me como se fôra hoje! Sobre a álea do jardim a Condessa saltitava—um Saxe precioso!—e parou junto ao velho plinto da trepadeira. Quiz colher uma rosa, a mais alta, a mais bela! Estendeu o seu pequenino braço, torceu o tronco debil, e feriu-se num dedo...

Estou a ver as gotas de rubis sobre o marmore. Corremos depois para aqui. Sentou-se nessa velha poltrona e fui eu, com o meu lenço de Bretanha, que lhe estanquei o sangue. E esse lenço...

—Esse lenço...

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 8

UMA NOVELA DE AVENTURAS
COMPLETA

A PARREIRA DO PADRE-MESTRE

Novela inédita de «Aquilino Ribeiro». Ilustrações de «José de Almada Negreiros» e «Stuart Carvalhais».

—Padre Liborio, rapou da caçadeira.

Aquilino Ribeiro, o admiravel lenhador da prosa portugueza, alentado escritor dos nossos dias que tantas paginas de cimento de literatura nos tem dado, colabóra hoje no nosso jornal. Mal sabe o ilustre pae das «Filhas da Babilonia», o audaz cabouqueiro da «Estrada de Sant'Iago», que escreveu as linhas que vão a seguir. O publico que o conhece e tem pelo admiravel limpa-vias sinuosas um enorme e justo apreço, vae saborear gostosamente o lindo conto:

PELA manhã, mal luzia o buraco, assim que o sol estoirava nuvens d'oiro sobre os capuzes em bico dos montes distantes, padre Liborio, os olhos sonsos de sono, sacudia o pigarro que lhe afligia os gorgomilos, dava ao démo as inverneiras que lhe tinham posto aquela caldeira a ferver na garganta, cruzava á préssa o sinal da cruz e ele ahi ia a enfiar os tairôcos e a praguejar pela Zefa Rolim, uma tal de carão salpicado de sardas côr de ferrugem e que ha dezoito anos lhe batia os ovos com vinho fino todas as manhãs.

—Ó mulher! Valha-a Deus, que bem pode! São já seis horas dadas e vocemecê ainda não me fez a gemada!

E fariscando, lá ia direito á cosinha, um quadrado de ladrilhos vermelhos e gastos, onde a um canto, de cambolhada com enchidos e prezuntos que pingavam do teto, era certa a Zefa a despiolhar o sobrinho, um alma danada de dez anos que pela roda se dizia que era filho do padre Liborio.

—Então essa gemada!—berrou padre Liborio, puxando a gadelha grisalha para a testa—Vomecê é os meus pecados!

—Então, senhor padre-Liborio! dizia a Zefa, arrumando uma unhada no casco do catraio—Hoje não tem missa?

—Qual missa, nem qual demonio! «Ego nec escis nec potiónibus fruitur!» —e padre Liborio foi buscar a caçadeira, pendurada a um canto—Quero ver se estoiro um coelho. Descubri hontem a treita d'um n'aquela do Januario Pócinhas! Arranje a gemada, mulher, não vá o maldito raspar-se antes que eu o tópe!—E padre Liborio, foi espreitar o campo que se abria n'uma toalha de luz, estendido a estoirar os olhos de tamanho, salpicado aqui e ali por manchinhas brancas de casario, perdido entre a esmeralda forte, áquela hora toda doirada de sol!

***

—«Mea jam est aetas decrepita»!—disse padre Liborio vendo que era a custo que encafuava os pés largos nas botôrras ainda tintas de lama da vespera—Tenho já sessenta feitos! Pois sim! Mas dou um olho ao diabo se alguem fôr capaz de comer como eu uma boa fritada de ovos, ou uma lasca de anho nas brazas! «Adolescentia libidinosa, et intemperans effoetum corpus tradit senecruti!

E tinha razão o padre-mestre! Lá isso, mais mulherengo que ele, não fôra sacerdote algum por terras de Barroso!

Moça que lhe aldiagasse fronteira, bôa peitaça alevantada, perna ao leu a mostrar o lombo na saia esticada, olhos bogalhudos a dizerem bôa pinta, era certo e sabido que em menos d'um credo, estava pelo beiço, que padre Liborio, quando os anos lhe eram pequeno carrego, sabia levar uma femea onde era preciso!

Por mais d'uma, vez teve de pôr as costas no seguro, já porque um irmão da victima ateimava em o deslombar com um zambujo, já porque a mãe não era da raça de comer e calar e lá estava o padre a contas com a falacia de todo o povo! D'uma feita, sentiu assobiarem-lhe ás orelhas quatro zagalotes que, se o tópam, lhe rebentavam o canastro!

Agora, andada a curva dos sessenta, padre Liborio só tinha aquela pelos coelhos e perdizes, gastava as noites na farmacia do Eustaquio a puxar o rabo á sota e lá de quando em quanto, se misgava na Zefa ansa de alembrar os tempos idos, ficava-se de pápo ás úpas, sem ganas, arrebentado de todo.

***

Nada! Aquele maldito parecia que tinha combinação com o démo!

Eram já cinco largadas que fazia para o pilhar com um tiro e o maldito, mal lhe cheirava os passos, punha-se na alheta! Nada! Ali havia coisa!

E padre Liborio, deixou-se escorregar junto de um tronco corcomido que lembrava nm cortiço de abelhas.

—«Bellum est sua vitia nosse!» Este maldito ainda me deixa para ahi tolhidinho de todo!

Abriu o alforge e sacando uma galinha corada que a Zefa lá tinha metido, principiou a tasquinhar gulosamente, a gordura a escorrer em pingos grossos pelos dedos lambusados, gosando com os estalidos dos ossos entre os dentes, n'uma volupia pagã.

O sol agora, abria-se todo sobre a terra, e, n'um grande manto de luz, o calôr apertava tudo, n'um enorme abraço.

Lá longe, os montes, como monges, ficavam em fileira, picos espetados, levantados ao céu, a bemdizer a grande hostia de fogo que espalhava em roda catadupas de luz.

—Ora o raio do maldito!—e padre Liborio, emborcando a borracha do rascão, aconchegou os lombos na herva.

D'ahi a pouco, roncava. Chapeu descido aos olhos para os abrigar da luz, pança arriba, as mãos dadas sob a cabeça, para ali ficou soprando em assobio.

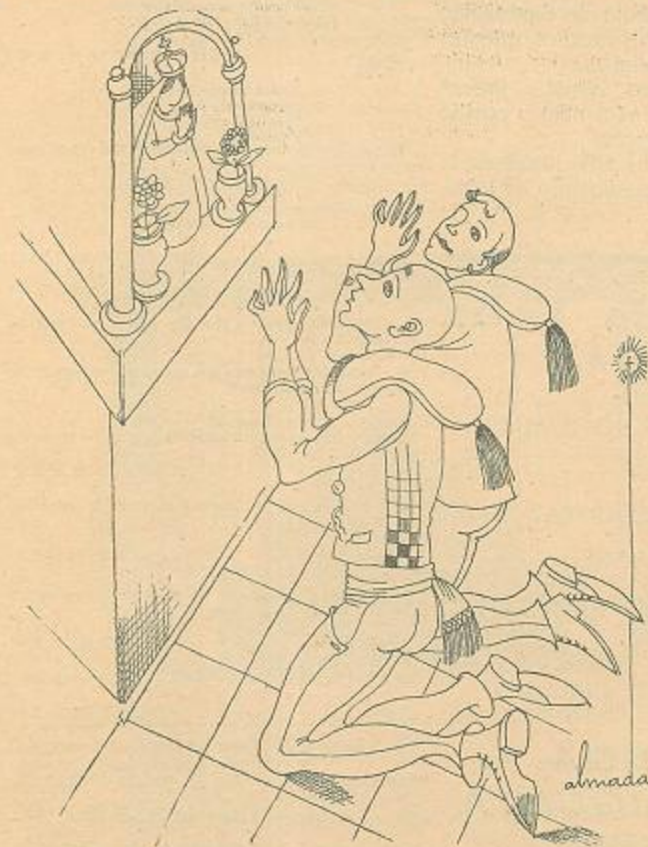
As folhas das arvores tremiam sob a chuva forte de luz, e os campos, longes, a não caber em dentro dos olhos de ninguem, dormiam em silencio, n'uma paz de mortos.

***

—Ah! Seus

—Pedi perdão á Senhora do Monte-Agudo!

Continua na pagina 8

VARIA

A parreira do padre mestre

CONTINUADO DA PAGINA 7

grandes desavergonhados! — e padre Liborio, atirando a espingarda de banda, pegou n'um fueiro e arremeteu com os dois que, agarrados á parreira, lhe aproveitavam a sahida para ferrar o dente guloso nos bagos das uvas, perolas de côr a estoirar de cheiro — Saltem cá para baixo que lhes deixo os ossos n'um feixe, seus malandros!

—Oh! «seu» padre — Liborio! Perdõe!

—Não nos faça mal, pelas alminhas!

—Um raio os parta a vocês, seus desalmados! — e atirando o fueiro com furia — Parto-lhes a porca da cara!

De um pulo, os homens vieram ás boas.

—A gente paga o que fôr!

—A gente paga!

—Ah! pagam? — e padre Liborio, arregalou o olho cubiçoso — Pois então, deitem para cá duas de cinco!

—Sim, senhor padre Liborio. A gente dá!

—E excomungo-os se não forem já pedir perdão á Senhora do Monte Agudo! Seus bilontras!

—A gente vai, a gente vai!

—E eu que os pisgue outra vez que teem que ir ao «seu» administrador!

* * *

Lá longe, os montes iam-se pouco a pouco apagando na treva grande que tudo abraçava. Aqui e alı, abriam-se pequeninas estrelas, luzindo como calices batidos pelas chamas das velas.

Padre Liborio, mirava e remirava as duas notas, um risinho de espertalhão a rasgar-lhe os labios luzidios, quentes da canja de trez galinhas:

—«Peritióres nos vetústas facir!» Ai nada, não! Não vi á mão o coelho mas cahiram duas rolas...

Muito distante, a hostia luminosa ia pouco a pouco mergulhando na escuridão enorme.

MOINHO DE PACIENCIA

SECÇÃO A CARGO DE ***REI-FERA***
(DA T. E.)

QUADRO DE HONRA

14 DECIFRAÇÕES (Todas)

MIDA, DROPÉ, PATO BIGAS LIMITADA, REIROBI, D. GALENO, TIO & SOBRINHO, AVIEIRA

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 55

OUTROS DECIFRADORES

EDIPO, ETIEL, JOFRALO, RAZALAS, HOFE E CAMARÃO (todos da T. E.), 2—ROBUR, LHÁLHA, BISTRONÇO, REI-VAX, ZELIA BORGES, 1—A. D. MEIRA. 1/2

DEDICATORIAS:

Até á hora de fechar a secção ninguem se acusou. Se calhar seguiram o exemplo do burro de Buridan e...

DURAS DE ROER:

Tão duras que até o avantajado «Zé-Gordo» ao ve-las se tornou em *esqueleto!!!...!!!...*

DECIFRAÇÕES DO NUMERO PASSADO:

1—Reverendo 2—Pola 3—Malfeitor 4 Lagoia 5—Macamba 6—Rapa-ovos 7—Vacação 8—Alogear 9—Ambiesquerdo 10—Sanja 11—Traça-o-ão 12—Pelicano.

CHARADAS EM VERSO

1

Tenho grande *paixão*—2
Para ganhar o *pão*.—2
Esta charada bastante grotesca
E' uma *brincadeira carnavalesca*.

Lisboa — A. MIL (da T. E.)

2

Aqui tens tu *duas letras*—1
Que ponho na tua frente—2
E' lá dentro, sem mais «tretas»,
Que a policia mete a gente.

Lisboa — REI DAS PERAS (da T. E.)

3

Todos temos—1
E comemos—2
E damos'
S'amamos

Lisboa — MANDO AR (da T. E.)

CHARADA ELECTRICA

4 O *passaro é malandro*—3

Lisbôa — JOFRALOIDE (da T. E.)

CHARADAS EM FRASE

5 *Mais de noventa e nove* dos *pobresinhos* estavam *nos bancos!*—1—3

6) «*Saltei*» do electrico e a seguir *travo* combate no *Largo do Municipio!*—2—2

7) (Ao....... á hespanhola)
O navegador portuguez irmão de Mosés, dá socos e é charadista. 1 1/2—1/2 1

Lisboa — H. Ramisto (da T. E.)

8) O *que* a mim me admira é haver *aqui* tanta *trampa!*—1—1

Lisboa — F. MERO (da T. E.)

9) Conheço um *teologo* tão *sensivel* que até se molesta com a luz do *candieiro*.—2—2

Lisbôa — F. DOR (da T. E.)

10) Patrão: Está *aqui* o *homem* do *escremento*.—1—2

Lisboa — PAPUSSE (da T. E.)

[11] *Apoiado!* Com os *anos* hei-de pagar a *cisa!*—1—1

Lisbca — K. PADINHO (da T. E.)

12) O boi dá, a vaca dá, e está no cemiterio!—2—2

Lisboa — CADAVER (do G. K. H. I. o.)

CHARADAS EM FRASE

(13) *Na extremidade da bigota*, briguei *com o policia*. 1—1

Lisboa — TIC-TAC (da T. E.)

(14) A *educadora de Baccho*, por uma *insignificancia*, partiu-me o *aparelho*.—1—2

SALOIO DE MAFRA

[15] Certa *Serra de Portugal julga* que eu tenho um *cabrestante muito simples*.—2—1/3—2/3

Lisboa — MEXILHÃO (da T. E.)

16 Tem um *baraco* o *vestido dos pretos*.—1—2

Lisboa — REI-DA-PERA (da T. E.)

ENIGMA

17

No meio daquele monte,
Existe um perigo eminente;
Foi lá o «Xico da Ponte»
Mos veio pouco contente!

Eu tambem fui até lá
E por pouco não morria,
Pois regressei pora cá
Atolado em *porcaria*,..

Lisboa — PICA-PAU (da T. E.)

PREMIOS

Em virtude desta secção ser extraordinaria e saír apenas uma vez em cada ano, serão conferidos os seguintes premios aos decifradores:

Para a 1.ª e 2.ª listas que entrarem na nossa redação, réspectivamente:

Um relogio de ouro de lei... seca movido a pulgas, em perfeito juizo, marca *Zunite!*

Um magnifico predio estilo «castelo de cartas», prestes a abater, na Rua Morais Soares, que pode ser *antecipadamente* ocupado pelo contemplado.

3.º premio: Umas luvas de 4 onças (vivas) para «box» para serem disputadas entre os restantes decifradores, da maneira que acharem mais conveniente...

CORREIO

EDIPO E QUEJANDOS.—Nem a «obesidade» do «Zé-Gordo» vos valeu. Estava tudo engatado. Tenham paciencia, meninos...

CAMARÃO... só ao natural.

ROBUR, BISTRONÇO, LHALHA E REI-VAX.—E' preciso ter muito pouca vergonha—ou nenhuma—para enviarem apenas 3 decifrações e dessas, duas erradas!

ZELIA BORGES.—Cautela ilustre confreira, que o malandro do «Lhalha» é casado... Quem me avisa...

A. D. MEIRA.—Tenha paciencia, meu amigo. Leva 1/2 decifração certa e já é andar com sorte. Da sua lista foi apenas o que consegui conferir. A primeira parte da decifração não se verificava em *algumas duzias de dicionarios* que consultei...

MIDA, DROPE, PATO BIGAS, LIMITADA, TIO & SOBRINHO, REI-ROBI, AVIEIRA E D. GALENO.—Parabens aos campeões! Façam um calepino que daqui a 40 ou 50 anos chegam para arreliar os Tertulianos.,,

No proximo numero daremos os resultados.

REI-FERA

A nódoa cor de castanha

CONTINUADO DA PAGINA 6

—Oh! Milagre!!! esse lenço, como um pequeno cadaver branco, como uma pomba esquecida e morta, não é, talvez, essa mancha branca, ali, ao canto sobre o tapete...?

—Oh! Sim, talvez...

—Condessa, eu agacho-me...

—Veja Marquez...

—Cá está, a nodoa, a nodoa amarelecida... o seu sangue Condessa, veja como mudou...

—Côr de castanha...

—Tão diferente...

—Tão diferente!...

* * *

—Ah?

—O que é?

—Não é nada, minha senhora, respondeu da porta a ama, opulenta e vermelhaça — eu vinha buscar esse paninho — a fralda do menino... está suja!

—Oh! Marquez!

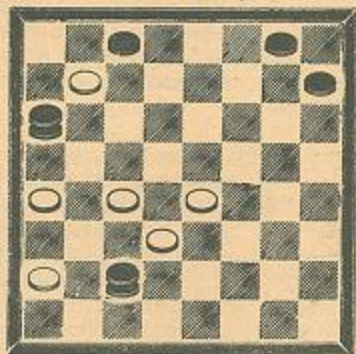
—Ah! Condessa...

DAMAS

Solução do problema n.º 55

	Brancas	Pretas
1	9-14	18-9
2	2-7	10-3 (D)
3	22-26	3-12
4	26-31 (D)	12-26
5	31-22-13-6-19-28	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 56

Pretas 2 D. e 3 p.

Brancas 6 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 54 os Srs. Augusto Teixeira Marques, Carlos Gomes [Bemfica], José Brandão, José Magno [Algés], Ratesvana (Oeiras), Sueiro da Silveira, Um oficial, e Neulame(Figueira da Foz), que nos enviou o problema hoje publicado.

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardozo.

VARIA

De tudo um pouco...

O rabo do gato, porque vocês não deram!...

Abrimos, em italico, o jornal, no numero passado, e com o ar mais serio, frizámos o «valor historico» dos «clichés». Depois, muito dignos, punhamos este nacosinho de prosa: «...este jornal acha-se no direito de «cocar», pelo lado comico o pronunciamento Incrivel Almadense, que veio «chatear» mais um bocado Lisboa, com alguns «pum-puns» da Outra Banda.

São notas veridicas de reportagem as que seguem, que só no campo «blagueur» deste comentario semanal podem vir a publico.»

—Nem assim!

A velocidade do som

A velocidade do som no ar é de 332 metros por segundo nnma temperatura de 0 graus, aumentando aproximadamente 60 centimetros por grau o que dá 340 metros na temperatura normal.

A velocidade do som na agua doce é de 1436 metros e na agua do mar, 1453.

A lampada-sol

Assim se chama a uma lampada electrica fabricada pela casa Lustz & Luid de Boston e que é simplesmente para 30 K.

As bôas ideias do O DOMINGO

A CAÇA AO LEÃO-CAVALO

Quem desejar caçar um leão-cavalo vivo e absolutamente inteiro, não tem mais que seguir as seguintes instruções;

Veste um facto de explorador, péga n'um martelo e numa tábua e vae para a selva africana.

Uma vez em plena floresta, espera uma meia hora que apareça um leão-cavalo. Mal apareça o bicho, o caçador esconde-se atraz da tábua e grita: Ahi valentão leão-cavalo que não me agarras!

A fera, ao ouvir uma coisa d'essas, desconfia e forma um salto de encontro á tábua. O caçador faz força até que as unhas do animal atravessem a madeira e uma vez que isto aconteça, não tem mais que, com o martelo, revirar as unhas da fera que ficará presa para toda a vida.

De tudo um pouco...

A invenção do termometro

O primeiro termometro foi inventado e construido por Cornelio Wan Drobbel, sabio fisico holandez de Alkmaar e que morreu em Londres em 1634.

Newton aperfeiçoou este termometro que mais tarde Gabriel Fahrenheit, construido de instrumentos de fisica de Dantzig ainda modificou, introduzido pela primeira vez o mercurio n'esse aparelho.

No teatro

—Belo espectaculo, o de ontem!

—Hein!

—Uma peça lindissima, apesar de um tanto longa.

Longa e maçadora. Parecia que não tinha fim!

—Estiveste na plateia?

—Não. Estive á porta á espera de minha mulher.

Como trabalham os grandes escriptores

Guerra Junqueiro, sabe-se, produziu os seus maravilhosos versos, a andar.

Victor Hugo escreveu os mais lindos alexandrinos de toda a sua obra, numa «mala-posta» horrivel e incómoda!

O poeta Sevilha escreve, em geral, sentado baixo sobre papel hygienico, e num cúbiculo pequeno. E' condição essencial que tenha ventilação e seja forrado de azulejo branco, doutra maneira não lhe sai nada.

Grafología

RESPOSTAS A CONSULTAS

UM ESTUDANTE DE COIMBRA.—Nervoso, falador, pouco trabalhador, mas rapida inteligencia assimilavel, generoso, desostinado, e suponho que deve ser um estudante em Coimbra, namoradiço, um pouco poeta.. (não o digo pelos versos que não li porque não servem. A analise foi feita na folha a seguir). Grande imaginação, valente e dedicado.

OUTRO ESTUDANTE.—Caracter mais paciente que o do seu companheiro, mais trabalhador e com mais boa memoria, intermitencias de bom e mau caracter. Dedicado, generoso quando deve e como deve, inimigo de perder tempo para nada. Mais pessimismo que optimismo.

A IDEALISTA DA DOR. — Orgulho e vaidade, grande imaginação, assimilação intelectual, memoria, habitos de boa vida, espirito, sentimento de poesia, optimismos, afeição á leitura, ordem nos objectos, mundanismos, espirito religioso sem exagero.

LICINIO NEVES.—Caracter brando, artificial a todas as paixões, temperamento mole, reservado quando quere guardar um segredo, amor á estetica, má memoria, facilmente irascivel, inteligencia rapida e assimilavel.

22 DE SETEMBRO.—Boa e cultivada inteligencia, verbo facil, generosidade moral e material, nervos dominados a custo, ordem, idealismos que não confessa por pudor individual; pouca vaidade, no fundo da alma ha talvez um tanto de ingenuidade... e de pureza.

ABELLARD. — Temperamento sensualista e egoistamente ciumento de todo, memoria para detalhes, intermitente em tudo; vaidade intima, ambição, generosidade bem entendida.

ATÉ Á VISTA. — O futuro nem sempre as qualidades o fazem, depende muito da sorte e da audacia das pessoas, em si é qualidade que não vejo; é porém constante; ordenado, pouco estroina, inteligente... mas amante da verdade e pouco diplomatico, tem bom gosto e gosta de ler.

MEJIAS.—Boa inteligencia, caracter impulsivo, dedicado, de facil palavra e ideias independentes, gosta de discutir, é energico, valente e um tanto vaidoso, boa memoria, muita sensualidade, imaginação creadora, generosidade e sentimento de poesia, quando mente ri-se sempre.

MARIA MARGARIGA O'.—Inteligencia subtil. «Cumprimentos». Espirito religioso, amor á verdade, um tanto sonhadora, bondade natural, generosidade muito femenina.

TONECAS ETC.—Espirito serio e cerebral, temperamento impetuoso, impulsivo e um pouco infantil, generoso regularmente, inteligente, memoria explendida, mais optimista que pessimista, amor á dança, boa saude mas muitos nervos.

GUIDA CELIA.—Não servem versos, já disse tanta vez! Queira escrever outra vez. (Não precisa enviar dinheiro).

LE DIABLE. — Temperamento impulsivo e excessivamente nervoso, intermitencia de tudo, inteligencia intuitiva, desconfiança e depresão moral, desordem, amor á leitura que já foi mais forte do que actualmente. Generosidades prodigas, facilmente irascivel.

DAMA ERRANTE

CONSULTAS PARTICULARES

As consultas para respostas particulares, deverão ser enviadas para esta redacção, com a indicação no subscrito «Consulta particular» e deverão vir acompanhadas de cinco escudos.

Quer saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhadas de um escudo para—*«A DAMA ERRANTE»*.

RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA

QUADRO DE DECIFRADORES

E. DE PINHO, HOFESINHO, JOFRALINHO, CAMARÃOSINHO, RAZALINHO, LIMA CHARIDINHO, BISTRONCINHO, ROBURINHO, LHALHINHO, K. S. T.... INHO, MANUELSINHO JOAQUIMSINHO DUARTESINHO JAULEDINHO; DOISINHOS PRINCIPIANTESINHOS.

Campeõesinhos do n.º 55 zinho

Secção dirigida por LUIZ TROVÃO

HORISONTAIS:—1—Sentina do parlamento 2—Bonzo 3—Materia que não prima de bom cheiro 4—Homem torto 5—Anagrama de «Tróxa» 6—Mais que sogra 7—Mulher que faz caretas 8—Tres letras de «Caca» 9—Anagrama de UC 10—Chapeu mole sem abas 11—Vogal 12—Vogal.

VERTICAIS:—1—Refeição fetida 5—Gato francez 13—Mulher com pêlos no rôsto 14—Cosinha Economica 15—Sarilho 16—Buraco redondo 17—Espera galego 18—Homem que morre á nascença 19—Fóra da cama 20—Homem desdientado 21—Ichaço da barriga (Masca).

NOTA:—O presente desenho representa uma taça estilo «Luiz XXXVI» que o autor oferece com o respectivo conteúdo aos ilustres decifradores.

DECIFRAÇÕES DO NUMERO ANTERIOR:

HORISONTAIS:—2—Sim 4—Aza 5—Oca 7—Fão.

VERTICAIS:—1—Fiscalização 2—Sá 3—Mó 5—O. F. 6—AO.

CORRESPONDENCIA

DOIS PRINCIPIANTES:—Teremos todo o prazer em publicar os problemas de V. Ex.as, desde que obedeçam ás seguintes regras:

Problemas baseados em desenhos originaes feitos em papel branco e a tinta da China.

LUIZ TROVÃO

Actualidades gráficas

. . . CAIRAM QUE NEM UNS PATINHOS!! . . .

As grandes "reportagens graficas"

OU

CAPITULO EM QUE SE PROVA QUE TODAS AS REVOLUÇÕES SÃO EGUAIS!

(2) Viste, leitor amigo, esta foto no ultimo numero? Pois fica sabendo que ela pode ser: *Revolucionario de 5 de Outubro* — e Revolucionario de todas as datas que tu queiras, como o foi agora do 2 de Fevereiro! Saiu com o «14 de Maio» em dois jornais madrilenos! E, nas Ilhas, foi «o bravo ataque a Monsanto»!) E diz lá que não «caiste»? Não afines! Meu caro, muitos jornais, do mais sisudo ao mais brincalhão, t'os impingem — Simplesmente nós fazemos como aquele homem do Coliseu—que te engana, mas que te diz logo como é. Queres que ele seja da Russia, para alguma reportagem feita de Paris?—põe-lhe um turbante de pele e baterá certo! Queres que ele seja fascista — põe-lhe um borrão preto a fazer de camisa e terás uma reportagem inédita de Mussolini!

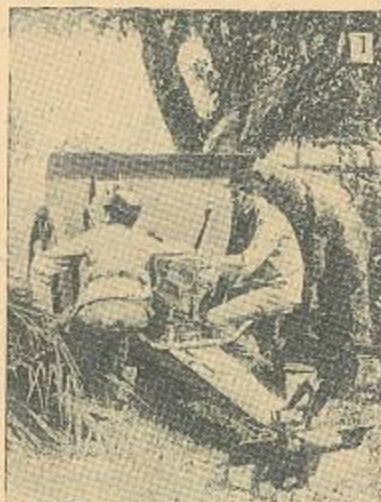
(1) Vez este quadro? Passa-se no Brazil. Conspiradores antigos — ha 16 anos! Nem reparaste sequ r numa palmeira, inverosimil em Almada? Não. Saboreaste o claro-escuro, achaste certo, e passaste á frente.

(4) Vês esta outra? Quasi um borrão, sem interesse, sem movimento, sem nada? Os teus olhos nem nela descançaram. Pois esta borracheira grafica é a verdadeira, a estupidamente autentica!! Vês, como tu nunca acreditas na verdade?

(3) Vês este efeito de granadas? Pois é um efeito composto! Toma uma foto. Representa o quarto em desalinho duma sarrafusca em Coimbra, ha que anos! Põe-lhe dois borrões grosseiros. E diz lá que não é um belo «efeito de granadas»?

Tu dirás: Mas que «grande vigario»! Não tens razão. O fotografo que te tira o retrato, que te retoca as rugas, que te relambe a esfuminho, que te tapa a careca, que te manda sorrir, com um «sorriso inteligente» o que faz? Um «vigario».? O reporter que tira o «canto de «atelier» reunindo os «bibelots», colocando flores, o que faz? Vigario? O que vai á exposição e junta todos para fazerem de visitantes? Tudo o mesmo!

E' que o jornal é cinema — é mais—é teatro. As proprias noticias são episodios de movimento—Tu ainda tens que agradecer e muito a quem te romantisa a vida!—No dia em que te contassem tudo como é—tu, ingénuo e espertissimo leitor— tu não acreditavas!

SEMPRE IGUAIS

Para todas as revoluções presentes, passadas e futuras!

Grupo Parlamentar Sportivo

A' DIREITA O FAMOSO ATLETA AFONSO COSTA, NO SEU EXERCICIO FAVORITO «PERNAS PARA QUE VOS QUERO EU?»

A' ESQUERDA O FAMOSO «KEEPER» ANTONIO MARIA DA SILVA, «CAPTAIN» DO BRIOSO GRUPO PARLAMENTAR, QUE VAI A' FRENTE NA 1.ª VOLTA DO CAMPEONATO.

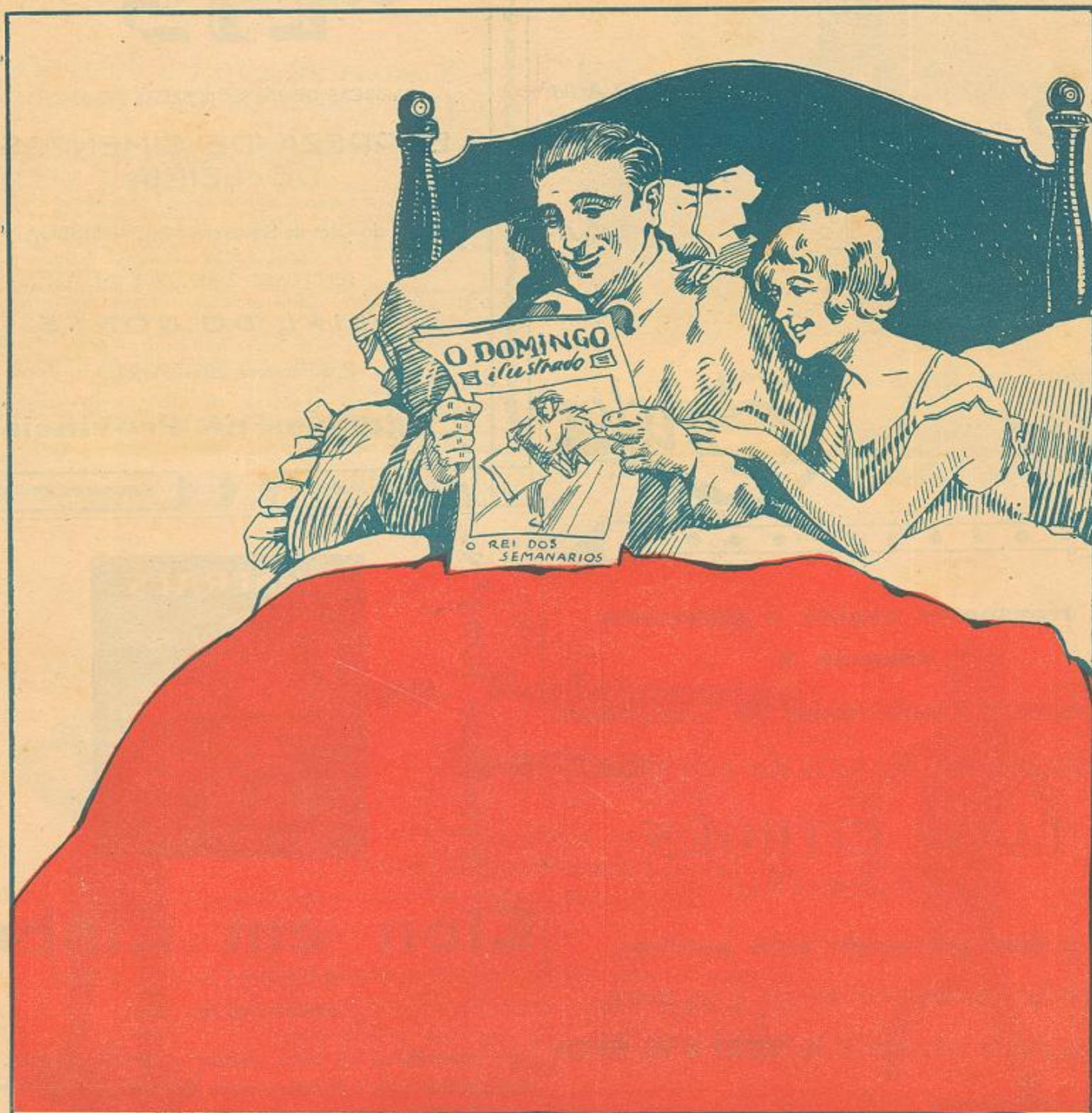
Publicidade

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

Na caminha — que é lugar quente!

O *Domingo ilustrado* chega de manhã, á hora do café. E' o mensageiro irónico, alegre, original, brincalhão e amigo. O publico tem-no alimentado. Hoje, mais do que nunca, ele é um *Domingo Gordo*.